

**Ouvindo as vozes não ouvidas: análise do documentário  
“Qapirangajug: inuit knowledge and climate change”**

*Hearing the unheard voices: an analysis of  
“Qapirangajug: inuit knowledge and climate change”*

Renato Guimarães FURTADO<sup>1</sup>

**Resumo**

Popularizados a partir dos anos 2000, os documentários sobre crise climática compartilham entre si algumas características, como a presença de um narrador, os testemunhos de especialistas e cientistas sobre o assunto e imagens de um planeta em estado de calamidade. Existem, no entanto, exceções, como é o caso de “Qapirangajug: Inuit Knowledge and Climate Change”, média-metragem de 2010 codirigido por Zacharias Kunuk e Ian Mauro que dão voz ativa não aos experts, mas sim às vítimas do aquecimento global no Ártico: os inuítes. Através da análise de conteúdo dos depoimentos registrados no filme e de revisão bibliográfica, o presente estudo objetiva ressaltar como a produção valoriza os saberes tradicionais dos inuítes para, em seguida, estabelecer um diálogo com os estudos de autores como Donna Haraway, Anna Tsing, Bruno Latour e Ailton Krenak como ferramenta para compreender nossa atual condição climática.

**Palavras-chave:** Documentário. Saberes tradicionais. Crise climática. Aquecimento global. Inuíte.

**Abstract**

Popularized during the 2000s, climate change documentaries share a few traits, such as the use of a narrator, testimonies from experts and scientists about the subject and images of a planet in a calamitous state. There are, however, exceptions to the rule, as in “Qapirangajug: Inuit Knowledge and Climate Change”, a 2010 feature film co-directed by Zacharias Kunuk and Ian Mauro, who gives voice not to the experts, but to the Arctic global warming victims: the Inuit. Through content analysis of the documentary’s testimonies and bibliographical review, the present study aims to assert how the film values Inuit traditional knowledge in order to establish a dialogue with the works of authors like Donna Haraway, Anna Tsing, Bruno Latour and Ailton Krenak as a tool to comprehend our current climatic condition.

**Keywords:** Documentary. Traditional knowledge. Climate crisis. Global warming. Inuit.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).  
E-mail: renatogfurtado.34@gmail.com

## Introdução

Das inéditas ondas de calor extremo na Índia e na Espanha às massas de frio nunca antes vistas no Brasil: assim foi o primeiro semestre de 2022, época em que os eventos climáticos extremos se avolumaram e prometem crescer (NEVES; SOBRINHO, 2022). Tragédias e desastres do tipo não são, no entanto, uma novidade para alguns povos, como os Inuíte, indígenas esquimós do Ártico. Se para nós, ocidentais, o meio ambiente só deixou recentemente de ser um mero reservatório de recursos para tornar-se aquilo que nos cerca e nos invade (TUCHERMAN; CAVALCANTI, 2008), a situação para os inuítes é diferente. Seja porque eles sentem os impactos das catástrofes ambientais “na pele” há décadas, habitando uma região sujeita a uma taxa de aquecimento três vezes mais rápida do que no restante do mundo (LOGAN, 2022); seja porque a natureza é parte constitutiva de seus modos de vida, sobrevivência e existência.

Esta conexão intrínseca com o que é considerado não-humano alicerça as fundações de “Qapirangajug: Inuit Knowledge and Climate Change”, média-metragem de 2010 codirigido por Zacharias Kunuk – de origem inuíte – e Ian Mauro; e primeira produção cinematográfica sobre mudanças climáticas falada em inuititute, dialeto inuíte<sup>2</sup>. Assim como outros documentários do mesmo período, “Inuit Knowledge and Climate Change” (“IKCC”) compõe a corrente de produções que inverteram a forma como o planeta era retratado audiovisualmente; se a representação da natureza era realizada com fascínio, os documentários lançados nos anos 2000 passaram a explorar imagens do aquecimento global e de subsequentes catástrofes ambientais (TUCHERMAN; CAVALCANTI, 2008). Mas “IKCC” difere-se de seus contemporâneos ao tomar como seus protagonistas os mais afetados pela crise climática em curso, ouvindo atentamente suas experiências acerca do aquecimento global.

“IKCC” será, portanto, um ponto de partida para compreendermos tanto a extensão e o valor do conhecimento tradicional inuíte – frequentemente descartado pelo pensamento acadêmico-científico ocidental –; quanto a impossibilidade de separarmos humanos de não-humanos, contrariando o projeto moderno que separa a humanidade da Natureza ao instituir a figura imaginária do humano – ou do homem, mais precisamente – como entidade “capaz de se libertar da natureza [...] graças à sua alma, cultura ou

---

2 O filme está disponível em: <<http://www.isuma.tv/inuit-knowledge-and-climate-change>>.

inteligência” (LATOURE, 2020). Nisto, a perspectiva inuíte será fundamental para nos aproximarmos da ideia de que o mundo não é construído apenas pelos seres humanos, mas também e concomitantemente pelas múltiplas práticas de vida e de existência de espécies, organismos, bactérias e condições climáticas, entre tantos outros actantes (TSING, 2015). Trata-se de uma visada holística, comum também a outros povos indígenas, que torna impossível fragmentar o mundo pura e simplesmente em questões de “clima, governança dos oceanos, direitos humanos, ou segurança alimentar”, por exemplo (DOROUGH, 2021).

Para alcançarmos nossos objetivos, empreenderemos, em conjunção à metodologia de revisão bibliográfica, uma análise de conteúdo de “IKCC”. Ressaltaremos, destarte, como as falas dos entrevistados alertavam para a situação calamitosa vivida então e para seu conseqüente agravamento, sentido hoje. Examinaremos o conteúdo manifesto dos testemunhos, considerando que a produção de inferências significa embasar as mensagens analisadas “com pressupostos teóricos de diversas concepções de mundo e com as situações concretas de seus produtores ou receptores” (CAMPOS, 2004, p. 613). De modo a aprofundar nosso estudo, também nos valeremos de análise documental, levando em conta que fontes primárias, ou seja, documentos não tratados analiticamente como notícias e declarações institucionais, podem ampliar e melhor contextualizar a pesquisa ora empreendida (SALGE et al., 2021).

### **Os inuítes, seu conhecimento tradicional e a crise climática**

Rodado em Nunavut, território canadense onde concentram-se inúmeros povoados inuítes, “IKCC” alterna continuamente entre registros das comunidades locais e os depoimentos de seus personagens, em sua maioria anciãos, que narram a sabedoria que aprenderam com seus antepassados. Conforme somos apresentados às imagens de humanos que caminham por planícies congeladas e cenas de beleza ambiental como sóis poentes e revoadas de pássaros que cruzam o céu, ouvimos sobre os ensinamentos inuíte; ensinamentos estes que são tanto éticos quanto práticos, no que se refere, por exemplo, ao cuidado com a vida animal e com o ambiente ao redor; ao respeito à caça e à colheita, efetuadas apenas quando necessário; e às formas de sobrevivência. São todos pautados pela vida não-humana local e pelo ambiente com os quais os inuítes convivem – ou conviviam.

As pesquisas científicas que atualmente preveem o degelo completo dos mares árticos durante os meses de verão a partir de 2030 e os relatórios que revelam o crescimento da insegurança alimentar entre os inuítes (VERMA, 2022) são desdobramentos de impactos climáticos sentidos – e alertados – pelos habitantes de Nunavut há décadas. De modo geral, o tom dos depoimentos de “IKCC” gira em torno da forma como a voz inuíte não é ouvida; de acordo com os entrevistados, os “sulistas” – aqueles provenientes de regiões cartograficamente abaixo do Ártico – não querem compreender seu modo de vida, ignoram sua cultura e não consideram suas opiniões, tratando seu conhecimento como irrelevante. A ativista Sheila Watt-Cloutier, indicada ao Prêmio Nobel da Paz em 2007 e entrevistada do filme, sintetizou a questão do seguinte modo:

Os cientistas não ligam para o conhecimento de nossos caçadores. O conhecimento dos caçadores é rico em informação e precisa ser levado em conta. Os povos do sul frequentemente têm um ponto de vista estreito, baseado apenas em estudos. Isso precisa mudar.

Estruturalmente, portanto, “IKCC” é um documentário expositivo, segundo a classificação de Bill Nichols, por agrupar “fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética” para dirigir-se diretamente ao seu público, propondo sua perspectiva e expondo seu argumento (2005, p. 142). Filmado no formato “talking heads” – entrevistas concedidas diretamente à câmera –, “IKCC” configura-se como uma sucessão ininterrupta de depoimentos, acompanhados por imagens do Ártico como pano de fundo; na prática, isto confere ao documentário um caráter objetivo e pedagógico, mas não distanciado, porque o filme abre espaço para que seus personagens falem sem restrições. Não há, por exemplo, uma “voz de Deus” (como a de Leonardo DiCaprio ou a de Morgan Freeman em diversos documentários) em “IKCC”, um comentário localizado em um espaço superior ao do espaço fílmico, onipresente, onisciente e onipotente, responsável por educar e persuadir coercitivamente (CHAVES, 2019).

Se o estilo, ou a voz, de um documentário é também ético por transmitir o ponto de vista de seu diretor (NICHOLS, 2005), defendemos que Kunuk e Mauro mantêm uma estrutura objetiva justamente para irradiar o conhecimento tradicional inuíte; a veiculação direta das entrevistas, conseqüentemente, responde aos anseios dos povos árticos de que suas vozes sejam ouvidas e levadas em consideração. Ressaltar, a propósito, a perspectiva

das vítimas de impactos ambientais não somente como testemunhas, mas como especialistas no assunto, ao modo de seus saberes tradicionais, é algo raríssimo e significativo. A maioria dos documentários sobre a crise climática é narrada por homens brancos nascidos no Norte Global – que também são a maioria dos “experts” entrevistados (75%) –, enquanto 76% dos depoentes categorizados como “vítimas” pertencem a etnias minoritárias: “Neste enquadramento, experts brancos ocidentais são retratados como aqueles que compreendem a mudança climática, enquanto as soluções e o conhecimento de grupos racializados são relegados às margens” (ROSE-REDWOOD; BENNETT, 2021).

Em “IKCC”, portanto, Kunuk e Mauro recusam a clássica formulação “Eu falo deles para você” – que implica uma distância entre realizador e personagens e caracteriza o cinema documentário da “voz de Deus” – para assumir a formulação “Nós falamos de nós para você” (NICHOLS, 2005). Através da proximidade que estabelecem com seus personagens, Kunuk e Mauro praticam o que a antropóloga Anna Tsing (2015) defende: se você deseja recontar a história de paisagens – alvo de inúmeras outras produções de não-ficção sobre as alterações ambientais –, não basta recorrer somente à ciência e aos dados: é preciso conhecer estreitamente os habitantes desse terreno, sejam eles humanos ou não. Nisto, o documentário tanto estabelece como os inuítes construíram seus modos de vida e suas comunidades, quanto narra algumas histórias não-humanas que compõem a região ártica em consonância às práticas de vida dos indígenas locais – algo manifesto em depoimento pelos inuítes, como o seguinte, de Mary Simon (personagem do filme em 2010 e atual governadora-geral do Canadá):

Cientistas falam sobre a mudança climática com estudos sobre poluições e toxinas; enquanto os inuítes discutem seus efeitos conforme ocorrem em nossas vidas. Nosso mundo está mudando. O que me preocupa é o potencial e os impactos globais. Sobre o meio ambiente, os povos do sul focam em fronteiras, o que os impede de se conectarem. Quando nós inuítes falamos sobre o meio ambiente, estamos unidos.

Assim, enquanto espectadores, somos colocados em um lugar privilegiado para compreender, pela visada dos povos árticos, o que é a época do Antropoceno, como alguns pesquisadores propõem nomear nossa atual era geológica, marcada pelas alterações antropogênicas no meio ambiente e pela desestabilização do clima planetário, sobretudo após meados do século XVIII, com o advento da máquina a vapor e o aumento da

exploração e uso do carvão como fonte energética (HARAWAY, 2016)<sup>3</sup>. Devemos tentar compreender, portanto, o atual estado das coisas de forma mais profunda, em um nível de complexidade igual ao da problemática que nos interpela, como demonstra “IKCC”.

### Os inuítes falam

A seguir, reproduziremos alguns dos depoimentos registrados por Kunuk e Mauro, posicionando o conteúdo analisado em relação à contemporaneidade. Apesar de terem sido realizadas em 2010, as entrevistas apontam para uma situação que, em essência, não se modificou; infelizmente, conforme já realçado anteriormente e já apontado por outras pesquisas, a diferença das décadas anteriores para os dias atuais está no recrudescimento dos impactos sofridos pelo povo ártico e no aumento da dificuldade da transmissão dos saberes tradicionais para os inuítes mais jovens (FAWCETT et al., 2018). “Ouviremos” primeiro as vozes de Simon Idlout, Dora Pudluk e Lukie Airut, respectivamente:

Antigamente, quando uma tempestade passava, vinha um longo período de calmaria. Ao observar formações de nuvens, podia-se dizer de que direção viriam os ventos. Hoje, é impossível prever corretamente o clima.

A pele das focas costumava ser de ótima qualidade, a pele era incrível. Agora, com a mineração e a mudança climática, as peles têm partes podres e se desfazem facilmente. Hoje, quando você estica a pele de uma foca, buracos aparecem como se ela estivesse queimada.

Em nossa comunidade, há uma colina onde sempre haviam lagos na superfície. Toda essa água desapareceu. Por causa das altas temperaturas, a terra está descongelando.

Nos três depoimentos apresentados, nota-se uma clara comparação entre o passado e o presente, em 2010. As dicotomias entre advérbios que se referem a tempos anteriores e verbos conjugados no pretérito imperfeito (“Antigamente”, “podia-se”, “costumava”, “havam”) e advérbios referentes à contemporaneidade e verbos conjugados ou no presente ou no pretérito perfeito (“Hoje”, “Agora”, “desapareceu”,

---

<sup>3</sup> Vale ressaltar que o termo é polêmico e não necessariamente aceito por todos os estudiosos. Ao salientar a ação humana como causadora das alterações climáticas, a ideia de Antropoceno mascara o fato de que a crise do clima não é resultado apenas da atividade essencialmente humana, e muito menos de *todos* os humanos (TSING, 2015, grifos nossos), sendo causada também por fatores econômicos, políticos e tecnológicos, por exemplo. Termos alternativos incluem, por exemplo, proposições como Capitaloceno e Chthuluceno (HARAWAY, 2016).

“esvaziou”) assinalam a mudança de uma época estável, onde o clima podia ser previsto pela formação das nuvens, a subsistência podia ser efetivada a partir de animais saudáveis e a água era encontrada em abundância; para um período de instabilidades, de ventos conflitantes, degradação da saúde de espécies não-humanas e descongelamento do Ártico. A respeito deste último ponto, em relação ao gelo e à água, uma das raras sequências puramente imagéticas de “IKCC” demonstra as diferenças temporais; contrastando imagens de arquivo com imagens filmadas para o documentário, Kunuk e Mauro apresentam como a prática de coleta de água de poços congelados tornou-se quase impossível em um contexto no qual o gelo está fino – onde no passado havia profusão de água em reservatórios, hoje os inuítes quase não a encontram, em poços d’água escassos.

Ainda, é preciso ressaltar a recorrência dos atores não-humanos nos relatos: ventos, focas, água e geleiras surgem como entidades cruciais para a existência inuíte – aspecto que permanece presente nos modos de vida dos esquimós hoje, como demonstra a entrevista concedida pela caçadora e professora Natasha Simonee, em 2021, à BBC. Residente de Nunavut, Simonee reforça como todas as práticas de vida dos inuítes envolvem o oceano, o gelo e as criaturas que lá habitam – e como, conseqüentemente, a diminuição do gelo, o aquecimento das estações mais frias e as mudanças sobre os padrões climáticos acarretadas pela crise ambiental inviabilizam formas de subsistência, bem como enfraquecem a confiança dos anciões em seus próprios conhecimentos. Como transmitir a sabedoria tradicional do povo inuíte, incluindo a capacidade de previsão do tempo e de navegação e caça no gelo, se a base da mesma – ou seja, a natureza e o clima – apresenta-se constantemente alterada nos dias de hoje? (BARANIUK, 2021).

A desorientação causada pelas mudanças climáticas sobre as práticas inuítes, a propósito, assim como pela ação de povos não-inuítes sobre o ecossistema do Ártico já se manifestava com agudez em 2010, conforme os próximos cinco depoimentos de “IKCC” evidenciam – tratam-se das vozes de Ludy Pudluk, Sheila Watt-Cloutier, Nathaniel Kalluk, Inookie Adamie e Paul Quassa, respectivamente:

Caçamos focas em seus buracos de respiração. Normalmente é frio em março e abril. Mas agora vemos focas tomando banho de sol sobre o gelo nessa época. Focas têm grandes reservas de gordura no inverno. Acredito que elas estão superaquecidas debaixo d’água e precisam se resfriar na superfície do gelo. Isto nunca aconteceu antes.

O aquecimento de nosso clima está relacionado com o sol. De acordo com meu conhecimento e pesquisa, a poluição é como um cobertor

sobre o planeta. Nosso planeta está com problemas de respiração e então superaquece. O cobertor é a poluição em nossa atmosfera.

Biólogos colocam rádio-colares nos ursos, os efeitos são horríveis. Muitas vezes vi ursos desnutridos, evidentemente morrendo de fome, por causa dos rádio-colares. O pescoço de um urso polar é longo por uma razão, permite que eles cacem focas em seus buracos de respiração. Quando eles estão com colares, são incapazes de caçar propriamente.

Não sei tudo. Mas eu percebo e observo as mudanças ocorrendo na atmosfera. Vivi aqui minha vida inteira e também observei o sol. O lugar onde nasce não mudou muito, mas o pôr do sol mudou completamente. Talvez o eixo do planeta tenha mudado. Sempre pondero isso e queria falar sobre essas mudanças no sol e no ambiente.

Nossa comida está contaminada com mercúrio. É o que o povo do sul nos diz. Dizem que devíamos diminuir o consumo de nossa dieta tradicional. Mas é nossa comida tradicional, não podemos simplesmente parar de comê-la. Se nossa comida está contaminada, nós seremos afetados, mas não temos muitas opções. Se a raça humana vier a morrer, os inuítes podem ser os primeiros. Nossa comida está sendo contaminada a partir do sul.

Nos depoimentos supracitados, há um descompasso evidente entre o que desejam e fazem os “povos do sul” – inclusive em termos de contaminação, dada a matriz de exploração de recursos tradicional capitalista –, e o que os inuítes, como outros povos autóctones que se encontram na mesma posição de vulnerabilidade climática, podem fazer. O que está em jogo é uma divergência significativa no que diz respeito aos modos e práticas de vida, tendo em vista que as consequências das atividades advindas da matriz ocidental, branca e europeia – conforme relatado pelos casos em que biólogos estudam ursos polares através de métodos que não levam em conta seus hábitos de caça e em que cientistas aconselham os inuítes a interromperem o consumo de suas fontes tradicionais de alimentação – são herdeiras da noção colonizadora e civilizatória “de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade”, embasada pela premissa de que ainda há hoje uma humanidade esclarecida que precisa retirar da obscuridade uma outra humanidade, não esclarecida (KRENAK, 2019). De fato, até muito recentemente, a presença de cientistas no Ártico ignorava a vivência dos povos locais, contratados como guias para serem descartados do processo de produção do conhecimento em sequência; os dados e soluções resultantes destas pesquisas, vale ressaltar, frequentemente não refletem as experiências inuítes (BOCHOVE, 2022).

Outra marca evidente dos depoimentos é a consciência das mudanças climáticas e da situação de urgente precariedade na qual nos encontramos. Os relatos que dão conta

do superaquecimento do planeta e do reposicionamento do eixo da Terra apontam para algo também articulado pelos indígenas brasileiros, como o ambientalista e filósofo Ailton Krenak, cujos escritos denunciam a forma de vida humana que abstrai-se do mundo para constituir uma humanidade específica, que toma os outros seres e a “casa comum que podia ser cuidada por todos” como recursos a serem explorados (2019) – independentemente das consequências ambientais, sentidas há décadas pelos inuítes e, agora, cada vez mais presentes em todo o globo.

Por fim, deve-se salientar o sentimento de preocupação acerca de mudanças sobre elementos que eram anteriormente considerados estáveis – como o comportamento das focas, a saúde dos animais que compõem os meios de subsistência inuíte e mesmo a reorientação axial do planeta – para além da aura de “fim de mundo” presente em declarações como “se a raça humana vier a morrer, os inuítes podem ser os primeiros”. Gostaríamos de encaminhar o fechamento do presente estudo analisando tais palavras por duas vias. Em primeiro lugar, devemos considerar que a sensação de que não se pode fazer mais nada diante das consequências do aquecimento global, muito presente no pensamento ocidental, é perigosa por duas razões: por um lado, este sentimento dá azo à ideia de que o jogo já está vencido, para usar uma figura de linguagem, e que não há sentido em cultivar a confiança em uma colaboração coletiva para reverter a situação (HARAWAY, 2016). Por outro, desconsidera as múltiplas temporalidades escatológicas, visto que o fim do mundo alcança determinadas populações mais rapidamente do que outras, como no caso dos inuítes, considerando suas condições de vulnerabilidade climática. Para muitos povos, como os indígenas brasileiros, o fim do mundo que hoje sentimos se aproximar já foi experienciado há muito tempo, nos idos do século XVI, quando aqui aportaram os colonizadores europeus (KRENAK, 2019).

Em segundo lugar, é preciso reposicionar as ciências e o conhecimento delas derivado, fincando nossos instrumentos analíticos na Terra em si, vendo-a de perto, de dentro, e não de um ponto de vista ideal, como da estrela Sirius (LATOURE, 2020), localizada a quase 9 anos-luz de distância de nosso planeta. Ou seja, faz-se necessário realmente ouvir os saberes tradicionais, acolhendo as experiências daqueles que estão na linha de frente do encontro com a crise climática, respeitando suas histórias, suas formas de vivência e suas soberanias; é disto, a propósito, que trata o movimento de descolonização da pesquisa ocidental que é alicerçada pelo eurocentrismo, um processo desafiador para todos os envolvidos, que demanda paciência e delicadeza para construir

e reconstruir saberes, mas fundamental de modo a contrapor os efeitos passados e presentes da colonização (HELD, 2020). Se estivermos dispostos a ouvir, há todo um compêndio de saberes e vivências que pode nos restituir aquilo que nos foi alienado, nosso contato intrínseco com o “organismo de que somos parte”, de modo que tudo volte – ou venha – a ser natureza, incluindo toda a humanidade (KRENAK, 2019).

Observar os agenciamentos mútuos dos múltiplos organismos que formam o meio ambiente, como fazem os inuítes e conforme também propuseram cientistas como James Lovelock, não só pode nos ajudar a entender a Terra e nossa atual situação climática de maneira mais realista e direta – reorientando nossas ciências naturais de modo a considerar tudo aquilo que é necessário para nossa existência –, como também a incorporar os saberes que um documentário como “Inuit Knowledge and Climate Change” nos apresenta.

### Considerações finais

De 2010 para cá, muitas são as mudanças no Ártico. Como ressaltamos no decorrer do presente estudo, algumas destas alterações dizem respeito ao agravamento das escalas, infelizmente; o aquecimento global que tem diminuído as temporadas de congelamento do Ártico – derretendo camadas do escudo refletor planetário que é a superfície do gelo, responsável por auxiliar no esfriamento do planeta –, também tem atraído a atenção de empresas que desejam lucrar com as novas condições climáticas árticas. É o caso de companhias de navegação e mineração cujas atividades econômicas, por sua vez, amplificam os efeitos do aquecimento, gerando um preocupante *loop* de alterações climáticas e de impactos negativos sobre a vida e a saúde não-humana e humana local (BOCHOVE, 2022).

Por outro lado, também há certa razão para otimismo à medida que organizações sem fins lucrativos e cientistas criam alianças com os indígenas árticos, em uma via de mão dupla na qual pesquisadores não-inuítes acolhem a sabedoria tradicional local para aprimorar suas pesquisas e compreender o meio ambiente mais profunda e holisticamente; e os inuítes são treinados para monitorar e medir as condições climáticas com técnicas e instrumentos científicos como sensores, de modo a se planejar e atuar frente as alterações ambientais em curso (LOGAN, 2022; VERMA, 2022; BOCHOVE, 2022). Ainda, instituições como o Conselho Circumpolar Inuíte (ICC), organização que promove os

direitos dos inuítes e protege o ambiente ártico, seguem demandando que os membros das Nações Unidas tomem medidas para limitar o aumento da temperatura global; valorizem o conhecimento inuíte e apoiam a participação dos povos indígenas na governança climática; e protejam, através de parcerias com os inuítes, os oceanos e a criosfera, ecossistemas críticos para o planeta (DOROUGH, 2021).

Este é o contexto em que os povos árticos, as existências não-humanas locais e seus ambientes de vida encontram-se no momento, como objetivamos demonstrar através da análise do documentário “Qapirangajug: Inuit Knowledge and Climate Change”. Em um primeiro momento, observamos como os codiretores Zacharias Kunuk e Ian Mauro recusaram preceitos encontrados em diversas produções semelhantes à sua, substituindo o recurso da voz distanciada de um narrador onisciente e, portanto, distante dos acontecimentos pelos testemunhos diretos dos personagens que experimentam os impactos da crise climática na pele há décadas, muito antes da recorrência de eventos climáticos extremos ao redor do globo nos últimos anos; e abrindo espaço para que as vítimas, não experts, ocupassem o lugar de especialistas, salientando seus saberes tradicionais em detrimento da costumeira valorização do conhecimento científico encontrada em documentários acerca do aquecimento global. Na sequência, examinamos mais aproximadamente os depoimentos de “IKCC”, contextualizando-os tanto temporal, quanto teoricamente, estabelecendo pontes de contato entre os saberes praticados pelos inuítes – saberes holísticos edificados sobre o contato inerente entre vidas humanas e não-humanas como meio para suas existências, em contraposição ao saber científico e humano que nos aliena da natureza – e os estudos não-antropocêntricos de autores como Donna Haraway, Anna Tsing, Ailton Krenak e Bruno Latour.

Com isto, tencionamos realçar a positividade que Tsing encontra na condição de precariedade compartilhada por inúmeras vidas, humanas e não-humanas, por todo o planeta hoje. Não se trata de glorificar uma conjuntura de pobreza ou de escassez, mas sim de reconhecer na profunda dependência que temos em relação às outras vidas que nos circundam – o que a autora denomina como precariedade – a possibilidade de repensarmos nossos modos de vida enquanto humanos e de forjar novas alianças com outras formas de existência para contornar o dilema ambiental enfrentado hodiernamente (2015, p. 20). Nas palavras de Donna Haraway, exaltar nossa precariedade significa “ficar com o problema”, ou seja, aprender a estarmos “verdadeiramente presentes, não como pontos de fuga entre passados horríveis ou edênicos e futuros apocalípticos ou redentores,

mas como criaturas mortais entrelaçadas em uma miríade de configurações inacabadas de lugares, tempos, matérias, significados” (HARAWAY, 2016, p. 1). Ora, não é precisamente isto que os saberes tradicionais de povos como os inuítes ou os indígenas brasileiros, nos ensinam? A encontrar um modo de existência diferente daquele imposto pela matriz de pensamento europeia, ocidental, colonizadora e moderna, onde efetivamente podemos assumir o lugar que sempre nos coube, no cerne de uma “natureza” da qual não deveríamos ter nos alienado em busca das promessas do progresso e da civilização?

O pensamento holístico dos inuítes é, ainda, abrangente o suficiente para abarcar também o conhecimento tido como científico – como visto nos recentes casos em que os povos autóctones do Ártico formam associações horizontais com pesquisadores que os respeitam. Desse modo, conforme propõe Latour (2020), trata-se de empregarmos todos os saberes à nossa disposição enquanto terrestres – *earthbounds*, não humanos – que somos, ou devemos nos tornar, buscando encontrar e constituir verdadeiramente associações com todos os atores dos quais dependemos para existir. Se é importante identificarmos que histórias usamos para contar histórias, que pensamentos usamos para pensar, que descrições usamos para descrever e que mundos usamos para criar mundos (HARAWAY, 2016), ouvir as vozes não-ouvidas, como a dos inuítes, e acolher seus saberes – registrados em raros documentários como “Inuit Knowledge and Climate Change” – pode ser um primeiro, mas fundamental, passo nesta direção.

## Referências

BARANIUK, Chris. The Inuit knowledge vanishing with the ice. **BBC**, 14 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/future/article/20211011-the-inuit-knowledge-vanishing-with-the-ice>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

BOCHOVE, Danielle. The Arctic Revolution That’s Changing Climate Science. **Bloomberg**, 23 de março de 2022. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/features/2022-pond-inlet-arctic-inuit-climate-science/>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: Ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, set./out. 2004.

CHAVES, Renan Paiva. Documentário clássico e a voz que não vemos: revisitando as noções de “voz de Deus” e “voz over”. **Doc On-line**, Covilhã, n. 26, p. 83-105, nov. 2019.

DOROUGH, Dalee Sambo. Inuit call for the tools needed to protect the Arctic. **Inuit Circumpolar Council**, 28 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.inuitcircumpolar.com/project/inuit-call-for-the-tools-needed-to-protect-the-arctic/>>. Acesso em: 24 jun. 2022.

FAWCETT, David; PEARCE, Tristan; NOTAINA, Roland; FORD, James D.; COLLINGS, Peter. Inuit adaptability to changing environmental conditions over an 11-year period in Ulukhaktok, Northwest Territories. **Polar Record**, Cambridge, v. 54, n. 275, p. 119-132, 2018.

HARAWAY, Donna J. **Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Duke University Press: Durham & Londres, 2016.

HELD, Mirjam B. E. Research Ethics in Decolonizing Research With Inuit Communities in Nunavut: The Challenge of Translating Knowledge Into Action. **International Journal of Qualitative Methods**, Thousand Oaks, v. 19, p. 1-7, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LOGAN, Cloe. As sea ice melts, how will Inuit navigate a warming world? **National Observer**, Vancouver, 11 de janeiro de 2022. Disponível em: <<https://www.nationalobserver.com/2022/01/11/news/sea-ice-melts-how-will-inuit-navigate-warming-world>>. Acesso em: 24 jun. 2022.

NEVES, Rafael; SOBRINHO, Wanderley Preite. Eventos extremos provocam chuvas recordes e centenas de mortos no Brasil. **UOL**, 5 de junho de 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2022/06/05/mudancas-climaticas-aquecimento-global-desastres-naturais-seca-chuvas.htm#:~:text=O%20evento%20clim%C3%A1tico%20extremo%20mais,inteiras%20constru%C3%Adas%20sobre%20encostas%20na>>. Acesso em: 24 jun. 2022.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. São Paulo: Papirus, 2005.

ROSE-REDWOOD, Reuben; BENNETT, Paige. Popular climate change documentaries often privilege wealthier countries and offer unbalanced coverage. **The Conversation**, Carlton, 25 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://theconversation.com/popular-climate-change-documentaries-often-privilege-wealthier-countries-and-offer-unbalanced-coverage-167181>>. Acesso em: 24 jun. 2022.

SALGE, Eliana Helena Corrêa Neves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SILVA, Lorrane Stéfane. Saberes para a construção da pesquisa documental. **Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 123-139, 2021.

TSING, Anna Lowenhaupt. **The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins**. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2015.

TUCHERMAN, Ieda; CAVALCANTI, Cecília C. B. Um novo gênero cinematográfico: o documentário catástrofe. **FAMECOS**, Porto Alegre, n. 35, p. 37-43, abr. 2008.

VERMA, Jenn Thornhill. This fishing captain is combining Inuit knowledge with scientific expertise to fight climate change in the Far North. **The Globe and Mail**, Toronto, 24 de abril de 2022. Disponível em: <<https://www.theglobeandmail.com/canada/article-inuit-climate-change-ice-scientist/>>. Acesso em: 24 jun. 2022.